

Mundo

UM MUNDO DE ESPERANÇAS

JORGE FREITAS SOUSA
jfsousa@dnoticias.pt

Quando hoje fizer o tradicional juramento, com a mão sobre a Bíblia e ao lado da mulher, Barack Obama não será, apenas, o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. A questão racial há muito que deixou de ter qualquer significado. Será, como manda a lei, presidente de todos os americanos, mas também um pouco dos muitos milhões, em todo o mundo, que acompanharam a campanha, os discursos e a noite das eleições. Em África, da Europa à China, na América do Sul.

Quem toma posse é um dos políticos da nova vaga norte-americana, que sobreviveu a um neoliberalismo selvagem e tem por missão reconciliar a política com os cidadãos. Foi essa a promessa do senador do Illinois, desde que, há mais de dois anos, começou uma campanha que o levaria a vencer as presidenciais de Novembro do ano passado. Contra todos os prognósticos que o davam como derrotado, logo nas primárias.

Obama tornou-se, não só no presidente dos Estados Unidos mas também num factor de esperança que ultrapassa as fronteiras do seu país. A frase 'Yes we can', criada por David Axelrod, o homem-forte da campanha eleitoral, deu a volta ao Mundo.

No entanto, as grandes esperanças colocadas no novo presidente democrata podem sofrer alguma desilusão, sobretudo fora dos Estados Unidos. Obama toma posse em plena crise económica e financeira, com duas guerras - Iraque e Afeganistão - por resolver e com perspectivas de um mandato complicado. Como fez Clinton, deverá dedicar grande parte destes primeiros quatro anos às questões internas.

A política externa, a carga da sua adversária nas primárias democratas, Hillary Clinton, não deverá ser muito revolucionária. São de prever novidades importantes no Iraque, com uma retirada faseada que Robert Gates já começou a preparar, quando ainda integrava o Governo de George W. Bush, mas tudo a seu tempo. Guantánamo vai fechar, mas o resto - Médio Oriente, Cuba e Organização Mundial de Comércio - não deve mudar muito.

É com uma equipa forte, que segue a receita desportiva de misturar experiência com juventude, e que pretende mostrar distanciamento partidário, que pretende enfrentar uma longa lista de problemas que afectam o país mais poderoso do mundo. Um Governo que, além do Presidente, tem um núcleo duro que vai mandar em tudo: Emanuel, Clinton, Gates, Geithner e Axelrod. Precisamente por essa ordem.

A 'onda' Obama atinge, hoje, o seu ponto mais alto, com um espectáculo mediático que rivaliza com os Jogos Olímpicos.



Obama promete mudanças, mas a agenda dos próximos tempos está ocupada: economia e Iraque. FOTO AP

PERCURSO BRILHANTE ATÉ WASHINGTON

Barack Obama nasceu 4 de Agosto de 1961, em Honolulu (Havai), filho de um economista queniano e de um antropóloga norte-americana. Depois da separação dos pais, com apenas dois anos, mudou-se para a Indonésia. Voltou ao Havai com dez anos, onde completou o liceu e jogou basquetebol. Depois da morte da mãe foi criado pelo avós. Formou-se em Relações Interna-

cionais, na Universidade de Columbia, e em Direito, em Harvard. Antes de se dedicar à política, trabalhou num escritório de advogados, em Chicago, para onde foi contratado pela sua futura mulher, Michelle, de quem tem duas filhas, Malia (10 anos) e Sasha (sete). Foi eleito para o Senado dos Estados Unidos em representação do Estado dos Illinois.

Oito anos depois da polémica derrota de Al Gore frente a Bush, uma eleição envolta em suspeitas de fraude, os democratas regressam à Casa Branca. Contrariando as previsões, pela mão do rapaz alto e magro que começou a ser conhecido na campanha de Clinton, em 1992.

A cerimónia de posse do 44.º presidente dos EUA inicia-se às 10 horas (15 horas em Portugal), frente ao Capitólio. Barack Obama presta juramento ao meio-dia (17 horas) sobre a Bíblia de Abraham Lincoln e pronuncia o discurso de posse.